

[RADIOGRAFIA - Estruturas físicas impróprias, equipamentos destruídos, número insuficiente de salas de aula; esse é o quadro da rede pública de ensino

# A dura tarefa de estar na escola



A BOA impressão provocada pelos 'tijolinhos à vista' escondem uma construção feita com placas de cimento; pior para os estudantes que sofrem no calor

Letícia Jury

Embora o Colégio Estadual Vereador Luiz de Almeida não tenha muros, possui apenas uma cerca de arame, a estrutura de 'tijolinho à vista', como é comumente chamada, dá a impressão de que houve um investimento na infra-estrutura. Ledo engano. Ao chegar à sala da direção, e depois de alguns minutos de conversa com a diretora, Geralda Ambrósio Bandeira Silva, veio a revelação de que a escola foi construída com 'placa de cimento' e 'pintada' para dar impressão de 'tijolo'.

Como consequência dessa estrutura arcaica, de acordo com a direção, os estudantes "sofrem na época do calor". E para piorar a situação, a rede elétrica está toda sucateada, o que inviabiliza o funcionamento dos ventiladores. No



GERALDA SILVA: problemas são resolvidos com rifas e bingos

período chuvoso eles também enfrentam o problema de goteira e ficam apreensivos com os ventos fortes, que podem resultar no desabamento da estrutura.

Localizado no bairro Arco Verde, estes não são os únicos problemas do colégio, a fiação elétrica como já foi citada anteriormente, constantemente

precisa passar por reparos, as carteiras estão quebradas e os alunos sentem falta de uma quadra de esportes. "Tivemos que limpar o lote baldio aqui da frente. Improvisamos algumas traves, e eles jogam futebol por lá mesmo", detalha.

A superlotação também preocupa. No ano passado quatro salas eram alugadas, para comportar a quantidade de alunos. Neste ano, em decorrência de novas determinações a direção do colégio foi impedida de manter em funcionamento este 'anexo', o que consequentemente faz com que todos os adolescentes agora dividam o mesmo 'pequeno' espaço.

## REFORMA

De acordo com a diretora Geralda Silva, a opção para resolver os problemas estruturais emergenciais do Colégio é recorrer a rifas, bingos

e jantares beneficentes. Ela mostra uma sala que foi construída para abrigar os arquivos e documentos importantes da instituição. "Tivemos que angariar fundos, e nós mesmos edificamos este cômodo", explica.

E o problema não foi totalmente resolvido, ela mostra a sala dos professores, em que uma prateleira foi colocada com centenas de livros didáticos. O ideal seria uma sala específica para reuniões e planejamento de aulas, e outro para depósito de materiais escolares.

A mesma medida é tomada para solucionar outros problemas de infra-estrutura, energia elétrica e ausência de produtos de limpeza. Agora dois problemas são mais complexos de serem resolvidos, segundo a diretora, a segurança do local, pois não há muro, apenas cerca, e a construção de uma biblioteca.

## Estrutura precária e carência de salas

A primeira vista já se nota a precariedade do Colégio Estadual Professor Abdala, localizado no bairro Vila Esperança. Ele possui um pequeno muro, rebocado, apenas na entrada principal. Nas laterais ele é 'protegido' apenas por cercas de arame. Ao entrar nas salas de aula, outra demonstração de abandono, as carteiras estão praticamente todas sem condições de uso.

Ao chegar à instituição a reportagem foi recebida pela vice-diretora, Ana Selma Ferreira, que fez questão de dar entrevista em uma sala de aproximadamente 6x6 metros, que foi dividida, de forma precária e com armários, em três salas. Logo na entrada uma mesa é utilizada pelas professoras, que de forma precária elaboram planos de aulas.

Na outra sala improvisada foi instalada a diretoria, e em outra uma espécie de depósito, em que são abrigados materiais antigos, máquinas que não são mais utilizadas, dentre outros objetos. "Basta entrar aqui que você nota a precariedade do colégio", enfatiza a vice-diretora.

## CAOS

Bebedouros estragados e sanitários a espera de reforma. As salas de aula também são insuficientes. Há apenas sete, sendo que o ideal para abrigar a quantidade de alunos seria no mínimo dez. "Desde que foi inaugurado, há mais de duas décadas, nunca mais passou por reformas", lamenta.

A prática de esporte é possível porque a igreja localizada em suas proximidades empresta a quadra. Mesmo assim, nem sempre os horários condizem com o período das aulas. "Muitas vezes eles ficam sem praticar exercícios. É muito ruim não ter quadra no colégio", expõe.

Para viabilizar as reformas, a direção já perdeu as contas de quantos ofícios já foram encaminhados a Secretaria de Educação. A opção agora é fazer um abaixo assinado, ver se as providências serão tomadas. "A comunidade vizinha tomou essa iniciativa. O bairro já é carente, e ainda temos uma escola carente. Dessa forma a situação social tende a agravar", destaca.



COLÉGIO PROFESSOR Abdala: quase todas as carteiras destruídas

## A luta e a reforma

Luzimeire Figueiredo da Silva está na direção do Colégio Antessina Santana há quatro anos e pode dizer com propriedade das passeatas, manifestações públicas e reuniões com líderes do governo, para que depois de um longo tempo de batalha conseguissem a tão esperada reforma. Ela iniciou em outubro, ocasião em que foram trocados o telhado e as calhas.

Agora quem passa pelo Antessina Santana, do lado externo ainda observa a decadência de sua estrutura, vidros quebrados e uma parede que há anos não é pintada. Mas, ao entrar em suas dependências se encanta com a reforma completa que foi feita em seu interior.

A diretora Luzimeire Figueiredo, orgulhosa de ter vencido a batalha, mostra que todo o piso foi trocado, os sanitários ganharam azulejos e pias novas, as paredes pintadas e a quadra foi totalmente reformada. Ao todo, de acordo com as projeções da direção, foram investidos mais de R\$ 400,00 na revitalização.

E a escola, uma das mais tradicionais da cidade, ganhou também um laboratório de informática com mais de 30 computadores, a biblioteca foi ampliada e um



A ESCOLA passa por uma ampla restauração interna e ganha nova pintura

laboratório de ciências deve ser colocado em funcionamento em poucos dias.

Segundo a direção, em decorrência do colégio não ter tido aulas nas últimas sema-

nas, em decorrência da reforma, a instituição não aderiu a greve. E mesmo em meio a tintas e a movimentação de pedreiros, as aulas tem sido ministradas diariamente.

## Greve apenas por reposição salarial

A presidente do Sintege Anápolis, Erli Alves de Moraes, reconhece a precariedade das estruturas dos colégios estaduais em funcionamento no município, com raras exceções, no entanto, ela destaca que os grevistas exigem a reposição salarial de 20,31% e o pagamento dos salários no mês trabalhado.

Outras reivindicações da categoria são: convocação dos aprovados no último concurso da Educação, assinatura das promoções verticais e horizontais e repasse dos recursos da merenda escolar para o ensino médio. "Há três mil processos de promoção para serem assinados pelo governador. E até agora eles não assinou", reclama.

Erli Alves, que é aposentada e trabalhou por mais de 30 anos em colégios estaduais do município, diz que já pas-

sou por situações em que os professores não tinham nem mesmo giz para escrever no quadro negro. "É lamentável o descaso com a educação", enfatiza.

Ela ressalta também que a maioria dos colégios do município, a direção juntamente com pais de alunos têm que recorrer a rifas e bingos para angariar fundos, que serão utilizados em reformas, compra de materiais de limpeza e outros gastos cotidianos que são necessários.

## ACAMPAMENTO

Na última terça-feira, 22, os trabalhadores da Educação da rede estadual de Goiás, reunidos em assembléia decidiram ficar acampados nas dependências da Assembléia Legislativa, até que o governador Alcides Rodrigues receba o Sintege para

negociar as reivindicações da categoria.

"Esta foi uma forma que encontramos para sensibilizar os deputados sobre a situação complicada em que nos achamos em decorrência de o governo nos desrespeitar acintosamente, à medida que simplesmente nos ignora em nossa data-base", explicou o presidente do Sintege, professor Domingos Pereira.

Segundo a categoria, é cada vez maior a adesão à greve. Conforme levantamentos recentes do Sindicato, mais de 90% dos trabalhadores (entre professores e funcionários administrativos de todo o Estado), estão engajados na paralisação. Na assembléia da terça-feira, ficou decidido que a próxima acontecerá às 9 horas do próximo dia 28, novamente em frente à Assembléia Legislativa.

# JORNAL DO ESTADO

FALE COM A GENTE: 3099-6100